

O uso do *funk* como ferramenta pedagógica em sala de aula

GTE 22 – Pedagogias Musicais latino-americanas: aberturas e insurgências

Comunicação

Luis Sergio Veríssimo Gabriel
SME/RJ
luisgabril@hotmail.com

Resumo: Este trabalho é um relato de experiência de um Educador Musical diante de uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental I em uma Escola Municipal na favela do Antares, localizada no bairro de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Tem como objetivo refletir diante de uma revisão bibliográfica sobre uma proposta de Educação Musical que dialoga com o cotidiano dos seus alunos. Para tal proposta, abordo, o conceito multicultural de Candau (2011) através da prática do *funk* em sala de aula. Por fim, apresento em forma de projeto bimestral, como o *funk* pode ser usado dentro do planejamento pedagógico da escola básica.

Palavras-chave: Funk na escola. Prática musical no Ensino Básico. Arranjos coletivos.

Introdução

O presente trabalho é um recorte do meu trabalho de conclusão do curso de Especialização em Práticas Musicais na Educação Básica do Colégio Pedro II.

Os primeiros dias de aula na Escola Municipal Otelo de Souza Reis foram complicados. Me deparei com uma realidade distante da minha criação e experiência como Educador Musical até então de escolas particulares. As crianças se comportavam, do ponto de vista de uma pessoa que não conhecia a realidade deles, de maneira muito agressiva, fazendo uso de palavras inadequadas, “xingamentos” por todo lado, falta de respeito e, para completar, a comunidade sofria as adversidades e a violência causadas pelo conflito entre traficantes, polícia e milícias. Tudo isso me fez muitas vezes pensar em pedir exoneração do cargo e voltar para escola privada. Porém, lembrava sempre do compromisso que fiz quando assumi: devolver tudo o que a escola pública me proporcionou. E aqui não me coloco na figura de missionário e sim de entender que a escola pública tem e merece profissionais qualificados para sala de aula.

Comecei, então, a pensar em/sobre como poderia me aproximar dos alunos e como faria para que as aulas de música fossem mais atraentes para eles sem deixar que, através

delas, eles pudessem construir e ampliar seu conhecimento sobre a música. A resposta estava na minha frente e eu não tinha enxergado, ou melhor, não tinha escutado: todas as músicas que levava para cantar eles colocavam a batida do *funk*, seja com a voz, ou, muita das vezes, batucando na mesa. Qualquer coisa que eu cantava virava *funk* para eles. Quando eu passava nos corredores, era *funk* que eles cantavam. Nas festas da escola, o repertório era *funk*. Quando entrava na favela, na segunda-feira às sete (7) horas e meia da manhã, o que se escutava era o som do baile *funk* que estava terminando naquele momento. E muitos alunos meus iam direto do baile para a escola.

Como educador musical, o que eu estava fazendo? Era preciso abrir os olhos e os ouvidos para a manifestação cultural dos meus alunos. Segundo Paulo Freire (1987):

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (FREIRE, 1987, p.44).

Escolhi o *funk* para trabalhar pelo fato de que quando levei um repertório X, o “meu repertório” e eles rejeitaram. Percebi esse conflito. E a partir disso passei para a dimensão dialógica que me permitiu despojar de minhas certezas e passei a ser um observador da cultura musical de meus alunos e incorporá-la ao meu trabalho.

Antes de tratar diretamente sobre o relato é importante dizer que a realidade que o professor encontra numa sala de aula de uma escola dentro de favelas do Rio de Janeiro, nem sempre condiz com aquilo que ele foi preparado na universidade, ou seja, ainda existe uma prioridade ou preferência no currículo de música ser voltado para tradição europeia, sendo que na escola encontrarão outras vozes que na maioria das vezes não vem ao encontro da realidade acadêmica. Donato (2020) trata muito bem sobre este assunto:

Em decorrência disso, professores de música saem destes centros de formação versados em uma epistemologia musical historicamente hegemônica, supressora de outras epistemologias e formas de fazer musical, que pouco tem a ver com a realidade que provavelmente encontrarão na escola básica. O Funk, volto a dizer, é, ainda, um fenômeno fortíssimo dentre os moradores de comunidade. Em sala de aula, não há um dia em que não seja mencionado, cantado e tocado por meus alunos. (DONATO, 2020, p.5)

E porque não inserir o *funk* como conteúdo na grade curricular das licenciaturas em música em nosso país?

A sala de aula é formada por diferentes sujeitos que carregam dentro de si diferentes realidades, conceitos, preconceitos, comportamentos, experiências de vida e sua própria cultura. O professor muitas das vezes é o intruso da situação, por não viver no meio deles, não conhecer suas gírias, seu modo de agir diante das realidades distintas e por não se colocar no lugar de seus alunos.

A prática como professor vem se moldando de acordo com aquilo que se depara dentro da diversidade de cultura, raça, credos, gêneros e sexualidades na sala de aula. Isso significa dizer que aquilo que é planejado para uma turma, pode não servir para outra, porque a realidade é diferente, os alunos são diferentes.

O *funk* dentro de um contexto de música diaspórica Africana, vem sofrendo preconceito, exclusão, estigmatização (DONATO, 2020) seja dentro do meio acadêmico, ou no debate no campo da Educação Musical, por exemplo. Já no contexto de música negra das Américas, sobretudo no Brasil, posso destacar os sujeitos que produzem a cultura *funk* dentro das favelas e que ganham o mundo e que estão sendo reproduzidas nas crianças e adolescentes que estão nas escolas. Então, porque não pensar na inserção do *funk* (MENDONÇA; ROCCA, TEKO, 2017), não só do ponto de vista do gênero, mas também desses sujeitos, dentro de um currículo formal?

A diversidade cultural exposta nas salas de aula é algo desafiador e que exige um conjunto de respostas, para vencer preconceitos de classe, de raça, de gênero, de cultura, etc. Para tratar desse tema, Candau (2011) usa o termo “multiculturalismo” quando se refere a trabalhar as diferenças culturais e que tais diferenças devem ser enxergadas como algo positivo.

As diferenças são então concebidas como realidades sócio-históricas, em processo contínuo de construção-desconstrução-construção, dinâmicas, que se configuram nas relações sociais e estão atravessadas por questões de poder. São constitutivas dos indivíduos e dos grupos sociais. Devem ser reconhecidas e valorizadas positivamente no que têm de marcas sempre dinâmicas de identidade, ao mesmo tempo em que combatidas as tendências a transformá-las em desigualdades, assim como a tornar os sujeitos a elas referidos objeto de preconceito e discriminação. (CANDAU, 2011, p.247)

Partindo desse ponto de vista, pode-se verificar uma variedade de gêneros musicais e o consumo dessas músicas entre os alunos, porém ainda existem aquelas que aparecem numa porcentagem maior de acordo com a influência da mídia, igrejas e do próprio local onde vivem.

O relato deste trabalho, vem de encontro a um choque de cultura que o professor teve com o gosto musical de seus alunos do 6º ano.

O relato

Mais uma quarta-feira com a turma do 6º ano. Na semana anterior tentei explicar minha matéria e não consegui, eles não deixaram, eles gritavam na sala...A agressividade entre eles é assustadora, já perdi a voz, já tentei separar brigas sem nenhum sucesso, pelo contrário já até levei a pior.

A quarta-feira para eles é um dia diferente na semana escolar, pois é o dia em que a professora regente tem que dar conta de fazer seu planejamento. Eles têm apenas aulas específicas como Educação Física, Educação Musical e Inglês, nessa ordem. Nesse dia especificamente eles não têm contato com sua professora.

Como descrito acima, minha aula é logo depois da aula de educação física, portanto chegam na sala muito “acelerados” com o corpo ainda muito agitado e prontos para ter aula de música.

No meu planejamento figuras musicais e a pauta, no planejamento deles bagunça e diversão. Alguma coisa tinha que mudar, eu já não aguentava mais passar uma semana sem poder dar aula, eu estava muito frustrado.

O Professor

Professor de música, nasci numa família de tradição católica, nunca tive regalias e meus pais sempre me ensinaram que era preciso estudar para conquistar meus objetivos. Vi meu pai sustentar a família apenas com um salário-mínimo e sei dar valor às coisas pequenas por causa disso. Sempre estudei em escola pública e aprendi música na igreja. Sou casado e tenho uma filha.

Os alunos

Moradores da favela do Antares, localizado no bairro de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Por muitos anos dominados pelo tráfico de drogas e mais recentemente pelas milícias. Nossa escola fica localizada numa região denominada pelos moradores de “travessia”. A realidade é de tiros, alunos e professores nos corredores da escola para se protegerem. Muitos alunos são filhos de traficantes ou estão envolvidos de alguma forma.

Essa “travessia” onde fica localizada a escola acabou ganhando um significado importante para mim, pois eu precisava realizar uma travessia todos os dias, em todas as aulas, para transpor os preconceitos formados, tentando abrir um diálogo com eles para juntos criarmos uma nova travessia, uma travessia pedagógica.

A travessia

Parecia que teríamos mais uma quarta feira desperdiçada, porém algo me chamou a atenção. Eles começaram a cantar um *funk* e batucar nas mesas, o ritmo que faziam com as mãos e a boca era perfeito, preciso, e a melodia da música era bem afinado pelas meninas. A música era “Vai malandra” da cantora Anitta.

Pelo visto, meus alunos quiseram mandar um recado naquele dia: eles têm a música dentro deles, eles sabem fazer, sabem tocar, sabem se expressar, porém não era da forma que eu esperava ou da forma que eu queria.

Naquele momento as diferenças culturais se chocaram, criou-se uma certa tensão: de um lado um professor querendo passar seu conteúdo, e, do outro lado, os alunos se expressando da forma que sabiam e conheciam. Candau (2011) vai falar sobre essa tensão:

Quanto aos saberes, são produções dos diferentes grupos socioculturais, estão referidos às suas práticas cotidianas, tradições e visões de mundo. São concebidos como particulares e assistemáticos. Considero que o mais relevante, deixando aberta esta discussão, é considerar a existência de diferentes saberes e conhecimentos e descartar qualquer tentativa de hierarquizá-los. Neste sentido, a perspectiva intercultural procura estimular o diálogo entre os diferentes saberes e conhecimentos, trabalha a tensão entre universalismo e relativismo no plano epistemológico e ético, assumindo as tensões e conflitos que emergem deste debate. (CANDAU, 2011, p. 247)

Abri, então, com eles um diálogo. Perguntei se queriam fazer uma prática de conjunto com a canção que eles estavam usando na minha aula. A resposta foi positiva. Fui até a minha sala e busquei o que tínhamos de instrumentos para aquele momento: pandeiros, agogôs, tamborins, liras, metalofone e tubos sonoros.

O ritmo do *funk*, pedi para que eles fizessem nos instrumentos de percussão. Não tive nenhuma surpresa, eles sabiam executar com maestria. Propus, então, que fizéssemos a melodia principal nas liras e no metalofone. Foi onde gastamos mais tempo, pois precisava ensinar a melodia nos instrumentos. Separei três alunos para esta missão, coloquei-os na minha sala e expliquei como tocar.

Propus também um ostinato com as quatro primeiras notas da melodia principal, que funcionaria como uma pós introdução. Separei quatro alunos que ficaram responsáveis pelos tubos sonoros.

O grupo da percussão estava executando o ritmo na sala deles, meu único trabalho foi organizar quem iniciaria, qual timbre usar, e respeitarem principalmente a melodia da música. O que estávamos prontos para realizar naquele momento era bem maior do que eu poderia imaginar, eles estavam criando um arranjo deles para uma música que eles conheciam, que era da cultura deles.

Chamei todos os grupos para sala de aula, chegou a hora de colocar em prática o que eles estavam criando. O arranjo ficou assim¹

Introdução rítmica: Tamborins

Introdução melódica: Tubos sonoros (Ostinato)

Parte rítmica: Pandeiros, agogôs, Tamborins

Parte melódica: Liras e metalofone (melodia principal)

Improvisação: Tamborins e liras

Final: Ostinato com os tubos sonoros

Nossa aula foi um grande sucesso, toda a escola quis ver o resultado final, levamos tudo para o pátio interno e eles tocaram para os colegas da escola assistirem. Depois dessa

¹ Vai malandra - <https://www.youtube.com/watch?v=rlvCExsPGjE>

aula, montamos nossa banda escolar. O resultado foi tão positivo que eles foram chamados para tocar em outras escolas da comunidade.

Diante das diferenças culturais e a prática pedagógica consegui enxergar dois pontos. O primeiro foi a escuta, tanto da minha parte quanto da deles. Foi a partir do momento de diálogo que conseguimos pela primeira vez nos ouvir. O segundo ponto foi que a partir de uma aula, conseguimos aprender uns com os outros, eles me ensinaram muita coisa sobre o gênero *funk* e eu pude explicar muito mais do que aquilo que tinha planejado para aquela aula.

Acredito que o professor não detém todo o saber, acredito também que dentro de uma sala de aula deve sempre existir diálogo. O professor precisa se colocar no lugar do aluno, tentar entender sua realidade, conhecer as diversas culturas dos seus alunos, só assim ele poderá compreender melhor seu papel.

Abaixo mais alguns relatos e arranjos que fizemos em nossas aulas.

✓ *Quem será o presidente do Brasil?*

Era o momento das eleições para Presidente do país e não se fala de outra coisa. Na escola não poderia ser diferente. Cheguei com essa ideia na cabeça para “Quem será o presidente do Brasil?”. Queria mostrar algumas coisas relacionadas ao hino nacional, como por exemplo o intervalo de quarta justa. O arranjo ficou assim:²

- Introdução: levada de funk no agogô;
- Entrada do tamborim na mesma levada;
- Crianças falando: Quem será o presidente do Brasil? Crescendo;
- Entrada das escaletas executando intervalos de 4ª justa;
- Tamborim e vozes falando o nome dos presidenciais;
- Repetição: Quem será o presidente do Brasil?
- Final com liras tocando a primeira parte da melodia do Hino Nacional.

✓ *Clube da esquina – Paula e Bebeto*

² Quem será o presidente? <https://www.youtube.com/watch?v=1s8da1y8iEc>

No primeiro bimestre do ano de 2020 começamos a aprender um pouco sobre o movimento musical mineiro “Clube da esquina”. Mostrei algumas músicas e seus intérpretes. Uma dessas músicas chamou a atenção deles, pois se tratava do tema de abertura de uma novela voltada ao público juvenil daquele mesmo ano. Não perdemos tempo e fizemos esse arranjo:³

- Introdução com teclado fazendo um ostinato melódico;
- Entrada de cajon e percussão;
- Melodia em ostinato pelas liras;
- Voz e cajón;
- Refrão usando levada do funk;

✓ *Paródia – Contatinho*

Não sabíamos até então que o coronavírus ia durar tanto tempo, mas começamos a falar sobre ele a tudo relacionado à prevenção. Fizemos essa paródia em cima da música “Contatinho” onde já existe uma vertente do funk – o brega *funk*. Ficou assim:⁴

- Introdução: Violão estilo samba com as liras fazendo melodia;
- Parte cantada com violão
- Parte tipo *rap* com execução do brega funk no tamborim;

✓ *Clube da esquina – Paisagem na janela*

Esse foi nosso último arranjo antes da pandemia do novo coronavírus – Covid 19. A música ficou assim:⁵

- Introdução: Violão, liras e flauta doce fazendo a melodia do refrão;
- Primeira estrofe: voz e violão
- Segunda estrofe: Voz, violão e cajón

³ Paula e Bebeto - https://www.youtube.com/watch?v=CRN_NSa7fYc

⁴ Contatinho - https://www.youtube.com/watch?v=u_5-4H7xzzE

⁵ Paisagem na janela - <https://www.youtube.com/watch?v=VKoMCWXVvd4>

- Elemento funk durante a estrofe e refrão

Projeto *FUNK-se*

No projeto pretendo trabalhar com a ideia de temas, objetivos, desenvolvimento e, no final, uma culminância para comunidade escolar, podendo ser uma aula aberta, apresentação de palco, aula passeio, etc. Tudo depende da proposta e da disponibilidade da escola. Acredito que assim é possível ter uma visão mais organizada do trabalho e deixar algo marcado na escola e na vida das crianças.

Partindo do ponto de vista de que o conhecimento musical se constrói a partir do que as crianças vivenciam e participam, se torna imprescindível que as práticas musicais que são utilizadas em sala de aula passem por esse mesmo viés. Reconhecer o que os alunos escutam e a cultura a que eles pertencem, com seus sotaques e suas peculiaridades foi e segue sendo alvo do planejamento enquanto professor de música que atua dentro de uma comunidade na zona oeste do Rio de Janeiro. Swanwick (2003) fala sobre isso:

“Sotaques” diferentes são percebidos como igualmente válidos, e nenhum é essencialmente bom. Em vez disso pergunta-se o que é bom para um contexto social específico. O significado e o valor da música nunca podem ser intrínsecos e universais, mas estão ligados ao que é socialmente situado e culturalmente mediado. Sob esse ponto de vista, o valor musical reside em seus usos culturais específicos, no que é “bom para” na vida das pessoas. A música é boa, certa ou oportuna dependendo de quão bem ela funciona em ação, como prática. (SWANWICK, 2003,p.39)

A proposta que se apresenta agora está dividida em aulas de contexto histórico prático, com temas sobre:

- A história do funk;
- O funk carioca;
- Instrumentação;
- A dança;
- As letras;
- Outros.

O projeto Funk-se será dividido em quatro principais eixos:

Eixo história da música

Nesse eixo os alunos poderão aprender um pouco sobre a origem do funk carioca. As aulas terão um caráter de apreciação e conhecimento sobre reportagem da época, como eram os bailes, o que é um DJ, como se vestiam, como dançavam, etc.

Eixo escuta e criação

Nesse eixo a turma vai conhecer o cenário musical dos primeiros intérpretes do funk carioca os MC's. Através da escuta e apreciação vão conhecer as melôs e os Rap's que eram utilizados nos bailes funk.

Nesse eixo os alunos terão a oportunidade de criar seus próprios rap's partindo da realidade de vida dos estudantes.

Eixo corpo e movimento

Nesse eixo os alunos vão poder observar como a dança é importante no funk. E de como o passinho ganhou o mundo.

Nesse eixo vamos propor uma festival de passinho na escola para saírem os finalistas e participarem da final em nossa culminância do projeto.

Eixo composição e arranjo

Nesse último eixo a turma vai colocar a mão na massa para criar bases e arranjos através de *sampler*, aplicativos e ferramentas de gravação gratuita. Eles vão aprender as diferenças que o funk foi sofrendo ao longo dos anos até chegar ao 150 bpm. Vão aprender a criar um *beat* de funk desde o início através de plataformas e *software* gratuitos.

É importante ressaltar que a culminância desse projeto será um baile funk na escola mostrando o resultado dos arranjos e composições que a turma fez durante o bimestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível verificar ao longo desse trabalho uma travessia pessoal, que se apresentou para mim como caminho de transformação e quebra de paradigma. Uma força que se manifestou no chão da escola pública.

O diálogo e a escuta foram os caminhos encontrados diante de um conflito entre eu professor e meus alunos.

A escola tem um papel muito importante nesse momento de diálogo. Essa tarefa, esse processo, devem ser encarados como ferramenta pedagógica para todo professor, pois é capaz de combater todo preconceito e discriminação entre os sujeitos da comunidade escolar.

No chão da escola é que podemos observar a potência que é a diversidade e a dimensão cultural. E trabalhar com aquilo que é diferente sempre será um desafio enorme, mas porque não começar?

O meu primeiro passo foi parar para analisar o que poderia fazer para mudar a minha realidade de sala de aula. Já falei durante esse trabalho que a resposta estava na minha frente, mas eu não queria enxergar e muito menos ouvir. Porém, foi necessário entender que eu era o intruso, o estranho, o que já veio moldado pela academia com meus saberes e conhecimentos. Mas, vejam só vocês o *funk* foi a melhor forma de chegar aos meus alunos e ensinar elementos da música.

Referências

CANDAU, V. M. (2011). Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, pp.240-255, Jul/Dez 2011.

DONATO, Priscilla Hygino Rodrigues da Silva. Estigma, Funk e Educação Musical: considerações sobre interculturalidade, epistemologias musicais e práticas da educação musical na escola básica. In: II Seminário Nacional do FLADEM Brasil, 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PEDRO MENDONÇA; RALPHEN ROCCA; MC MANO TEKO. O funk e a educação: etnomusicologia e pesquisa-ação participativa em contextos diversos DEBATES | UNIRIO, n. 19, p.191-207, nov., 2017.

SWANWICK, Keith. Ensinando música musicalmente. (Trad.: Alda de Oliveira e Cristina Tourinho). São Paulo: Moderna, 2003.